Universidade Federal de São João del-Rei

QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?

Professora Aline C. Cruz

Professora Daniela A. R. Torres

Em meio à crise sanitária e econômica advinda do novo Corona Vírus, nos perguntamos quais os setores mais impactados por essa pandemia, diante da previsão de que 25 milhões de empregos sejam perdidos, ao longo de 2020. Mais importante do que identificar tais setores, reflete mais humanidade a seguinte questão: Quais grupos sociais vulneráveis sofrerão mais com as consequências adversas desse "novo normal" instalado, mais veemente, desde março de 2020. Afinal, estamos numa nação, cuja estrutura econômica tem herança colonial e racista, com forte desigualdade de renda, de gênero e de classe.

Do ponto de vista do desemprego, pesquisadores do Departamento de Ciências Econômicas da UFSJ[1] comprovam que o maior desemprego advindo da crise brasileira de 2014 foi mais acentuado para mulheres, pretos e pardos, jovens, de escolaridade mediana e não residentes em regiões metropolitanas urbanas. Sobre a atual crise, cujo perfil é totalmente distinto das crises e epidemias vivenciadas até então, cujos impactos se deram sobre a indústria pesada, de manufatura e da construção (como a crise financeira internacional de 2008), o que se vive, hoje, recai sobre segmentos produtivos menos cíclicos e com maior parcela de mulheres atuantes, com destaque ao setor de saúde e educação.

No Brasil, nação que vinha caminhando num ritmo extremamente lento de recuperação da crise econômica nacional de 2014, os impactos sobre o mercado de trabalho são dramáticos. Enquanto os homens sofreram, mais intensamente, com maior transição do status de empregados para o desemprego, as mulheres são "expulsas" do mercado laboral, pois transitam, diretamente, do emprego para a condição de inativas. Com a pandemia de 2020, o grande impacto tende a recair em ocupações do setor de serviços (restaurantes, turismo, transporte aéreo, beleza, moda, vestuário), cuja parcela feminina é relativamente superior.

Daí o primeiro indicativo que de que os impactos do coronavírus serão diferentes para homens e mulheres. Em São João del Rei, não será diferente, considerando se tratar de uma cidade destaque na contribuição do setor de serviços para o PIB municipal e que tende a seguir o que o retrato do Brasil, cujo empreendedorismo feminino mais representativo é o de necessidade (de emergência), sobretudo, em momentos de recessão econômica. A verdade é que, embora existam barreiras ao empreendedorismo masculino, estas são menores, o que facilita que sejam empreendedores de oportunidade, por conseguinte, menos vulneráveis ao movimento cíclico da economia.

[1] Acesse: https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2019/D18_113.pdf

Fato é que, as mulheres, apesar dos avanços educacionais e da maior inserção no mercado laboral, desde os anos noventa, ainda possuem maior propensão à empregos informais, sem contribuição para a previdência, com renda injusta (trabalhos não decentes). A atuação como empregadas domésticas, autônomas, microempreendedoras individuais e/ou realizando bicos é traço forte da precariedade laboral da mulher. Segundo estudo[2] feito pelo Departamento de Ciências Econômicas, para o Brasil, entre 2012 e 2014, "para as mulheres, atingir nível educacional igual ou superior ao médio completo confere menores chances de transitar de empregos decentes para precários. Todavia, para os homens, essa chance relativa é crescente com o maior investimento em educação, para todos os níveis de instrução". Isto equivale a dizer que o esforço feminino para retorno à educação é muito maior que o masculino.

Entre as barreiras para a inserção das mulheres em empregos dignos, elenca-se a necessidade da busca feminina por postos de trabalho com maior flexibilidade de horários, devido à necessidade máxima de combinar o trabalho do tipo produtivo (gerador de renda) e o reprodutivo não remunerado (no ambiente familiar). A dupla jornada feminina de trabalho, por vezes tripla, contribui para que as mulheres sejam mais afetadas pela crise atual em relação aos homens. Sem mencionar a parcela considerável de lares chefiados por mulheres, a divisão sexual desigual de afazeres domésticos e cuidados, em cenário de crise sem precedentes, como a de 2020, agrava as condições físicas e emocionais das mulheres. Com a suspensão das aulas, as mães têm lidado com exaustão e sobrecarga diárias no auxílio aos filhos, mediante o acúmulo de tarefas escolares, num contexto mais tenso de distanciamento social.

Grande parcela da população pobre brasileira é formada por mulheres, negras, mães e chefes de família, a despeito de parte da população feminina ser privilegiada, por ter sua renda mantida e condições para trabalho remoto. Sem a possibilidade de contar com a ajuda de avós, vizinhos e do Estado (via creches), as mulheres, negras e pobres lidam com o dia a dia intensamente cansativo com o trabalho "invisível" do cuidado, agravado pelo empobrecimento, desemprego e endividamento. Outro agravante é a impossibilidade destas mães contarem com a merenda escolar como parte da alimentação básica do dia a dia das crianças carentes.

Cabe ressaltar que, em São João del Rei, 81% dos agentes da saúde são mulheres (RAIS, 2018) e que, embora parte das sanjoanenses não faça parte do grupo de risco de contaminação do vírus, segundo a idade ou por atuarem no sistema de saúde, como médicas e na enfermagem (85% são mulheres), a mulher atua, fortemente, no grupo de cuidado (tarefas domésticas e cuidados com crianças e idosos). Nesse contexto, cabe a pergunta: Quem cuida de quem cuida?

[2] Acesse: https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2019/D18_75.pdf